

A esperança é uma força que vem de Deus. A esperança não é um hábito, nem um traço do caráter - que se tem ou não se tem - mas *uma força a pedir*. É por isso que nos fazemos peregrinos: vimos para pedir um dom, para recomeçar o caminho da vida!

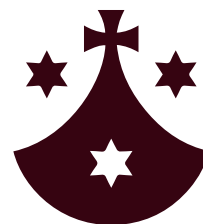
Papa Francisco, *Audiência jubilar*, 11 de janeiro de 2025



Boletim de Espiritualidade

1 FEVEREIRO 2025
Ano XII Nº 128

128



Agenda fevereiro 2025

- 1 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Corações Resilientes
- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Ermitério
- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 2 **Online** – *Webinar* sobre a Vida Consagrada
- 3 **Online** – De véspera com... o B. Eugénio Maria do Menino Jesus (21h30)
- 3 **Lisboa** (Capela do Rato) – Nenhum caminho será longo – D. Alexandre Palma
- 3 e 4 **Algarve** (S. Lourenço) – Amigos de S. Lourenço (voluntariado)
- 10 **Lisboa** (Capela do Rato) – Eu e tu – Mendo Castro Henriques
- 10 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: *"Jesus a caminho de Jerusalém"*
- 10 a 27 **Online** – A corresponsabilidade para um laicado maduro
- 11 **Porto** (CCC) – Conferência: *Uma ética e uma cultura do cuidado na pegada do bom samaritano* – Isabel Lopes Ribeiro
- 11 **Lisboa** (Ilg. Santa Joana) – Escola de Oração com os Santos do Carmelo
- 12 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 12 **Viseu** (Seminário Maior) – Formação Cristã
- 13 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 14 **Angra** – Diálogos no Tempo: *A Esperança na doença, na morte e no luto*
- 14 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – "E vós, quem dizeis que eu sou?"
- 15 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 15 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus
- 17 **Lisboa** (Capela do Rato) – *Ilíada* – José Pedro Serra
- 18 **Angra** (C. Pio XII) – Jornadas de Formação do Clero
- 21 a 23 **Fátima** (Domus Carmeli) – Mística e Místicos (4.º módulo)
- 20 **Angra** – Diálogos no Tempo: *História dos Jubileus nos séculos XVIII e XIX na diocese de Angra*
- 21 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 22 **Funchal** (Carmo) – Vida de Edith Stein – A descoberta de uma vida espiritual
- 22 **Algarve** (Carmelo Patacão) – Encontros no Silêncio: Etapa 2
- 22 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Quaresma: *"A beleza da Cruz em Edith Stein"* – P. Marco Caldas
- 23 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 23 a 25 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro de Quaresma
- 24 **Lisboa** (Capela do Rato) – A morte da natureza – Viriato Soromenho Marques

- 24 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro de Sacerdotes
- 24 a 28 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro para Sacerdotes
- 26 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 28 a 4mar **Vale lobos** (Verbum Dei) – Retiro de silêncio

Agenda março 2025

- 1 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 2 **Algarve** (S. Lourenço) – Amigos de S. Lourenço (voluntariado)
- 2 **Algarve** (S. Lourenço) – Missão dos Avós: dia de formação, oração e convívio
- 3 **Algarve** (S. Lourenço) – Dia de retiro e formação espiritual para professores católicos
- 5 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 7 a 9 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Quaresma da Escola de Oração
- 7 a 10 **Algarve** (S. Lourenço) – Exercícios Espirituais
- 8 **Braga** (Carmo) – Jornadas com Deus na Quaresma
- 10 **Lisboa** (Capela do Rato) – A ilustre casa de Ramires – Isabel Rocheta
- 11 **Porto** (CCC) – Conferência: «Educar é sempre um ato de esperança» (Francisco): *Educação e humanização* – Carlos Meneses Moreira
- 11 **Lisboa** (Ilg. Santa Joana) – Escola de Oração com os Santos do Carmelo
- 12 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 15 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 15 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus
- 17 **Lisboa** (Capela do Rato) – Amizade Espiritual – P. António Martins
- 17 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: *"O Ministério de Jesus em Jerusalém"*
- 18 **Online** – De véspera com... S. José (21h30)
- 19 **Viseu** (Seminário Maior) – Formação Cristã
- 19 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 22 **Funchal** (Carmo) – A alegria de viver em esperança
- 22 a 24 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro para casais
- 22 e 23 **Viseu** (Vouzela) – Ateliers sobre espiritualidade: *Eu tenho medo, e tu?* – Raúl Figuera
- 23 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 24 **Lisboa** (Capela do Rato) – Cartas 1925/1975 – Irene Borges Duarte
- 26 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 28 a 30 **Fátima** (Domus Carmeli) – Curso de Marianismo Carmelita
- 31 **Lisboa** (Capela do Rato) – Ironia do destino – Luísa Leal de Faria



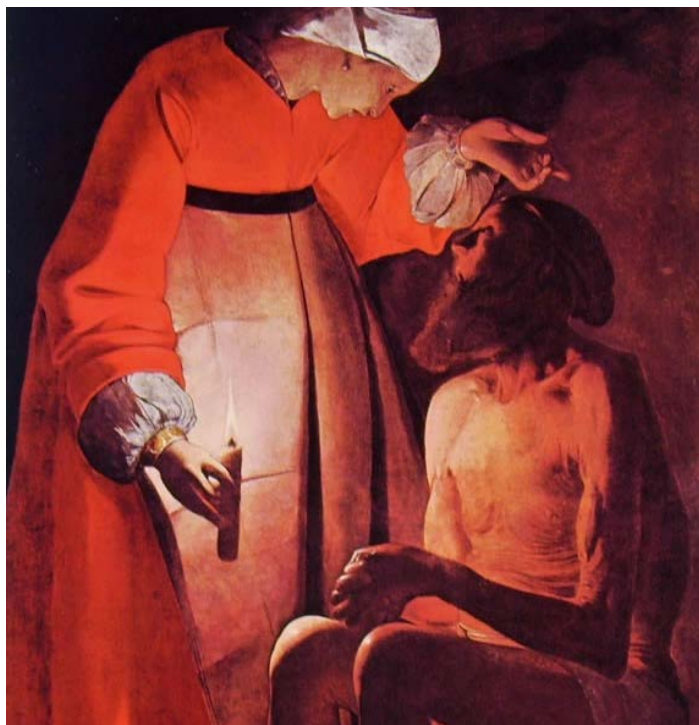
O Job bíblico: da vida à oração

Armindo Vaz, OCD

Orar é para a Bíblia o mesmo que filosofar é para a ciência: é a sua essência. É uma forma de ver melhor e de potenciar as mais finas possibilidades de ser e de existir. Orar engrandece o orante, ao introduzi-lo no Mistério que o envolve. Exprime a voz da alma que poucos conseguem silenciar. A Bíblia, que, pelo menos desde o séc. X a.C. até ao séc. II d.C., cresceu entre o humano e o divino, não seria ela própria se não pusesse o leitor a rezar: só realiza a sua essência abrindo-o à Transcendência. Liga-o com a outra vertente do mundo que anela. A um dado momento do desenvolvimento pessoal fá-lo sentir necessidade de se pôr de joelhos diante do Deus da vida. Os seus salmos, que fazem convergir a terra com os céus, são testemunho disso: suscitam irrupções do sagrado no mundo humano e elevam o orante para o Mistério, Presença comunicada. Na Bíblia, a oração torna mediatamente presente o Deus imediatamente ausente. Das suas páginas eleva-se frequentemente o espírito humano em oração: «Seduziste-me, Senhor, e eu deixei-me seduzir» – reza Jeremias (20,7). Moisés tinha ousado mais: «Disse ao Senhor: Sim, este povo cometeu um pecado gravíssimo: fizeram para si deuses de ouro. Agora, porém, ou perdoo o seu pecado ou então apaga-me do livro que escreveste» (Ex 32,31-32). Mas há um livro bíblico que eleva ao ponto culminante a oração antes de Jesus surgir no horizonte da história de Israel: é o livro de Job.

Depois da introdução em prosa (1,1-2,13), o poema central (3,1-42,6) desenrola-se quase todo em oração. O protagonista dirige-se frequentemente a Deus, quer em solilóquio reflexivo («Que é o homem, para que tanto o engrandeças / e ponhas nele a tua atenção?» (7,17), quer em grito inflamado (“Sabes bem que não sou culpado; / mas não há quem me livre da tua mão”: 10,7), quer em forma de desafio que acusa intempestivamente Deus pelo sofrimento injusto do homem: «As flechas do Todo-poderoso estão contra mim, / o meu espírito bebe o seu veneno; / contra mim armam-se os terrores de Deus» (6,4). Por vezes, a sua oração torna-se questionamento provocante diante de Deus: «Por que não deixas de olhar para mim / e não me soltas para eu engolir a saliva?... Ó guardião dos homens, / por que me converteste em teu alvo?» (7,19-20). Ao fim da luta com o divino, a sua oração desagua em colóquio descansado com o próprio Deus, em adoração silenciosa e incondicional: «Job respondeu ao Senhor...: eu desdigo-me e arrependo-me, deitado no pó e na cinza» (42,6).

Job, personagem construída e imaginada, que ganha vida bem real pela voz do autor do livro, não põe em causa a existência de Deus. O seu problema vai mais fundo. Procura a melhor relação com Ele, a relação que dê à vida humana o sentido transcendente que ela parece ter e que nem sempre é óbvio. E a sua oração não visa promover ou cultivar comportamentos éticos; muito menos visa tornar o orante irrepreensível. É antes uma viagem ao interior da pessoa, que a faz crescer em dimensão humana e espiritual. É sincera expressão de humanidade: «eu desejo falar ao Todo Poderoso, / quero discutir com Deus» (13,3). É vida



Georges de la Tour, *Job raillé par sa femme* (1620-1650),
Musée départemental d'Art ancien et contemporain Epinal – França
Fotografia: fr.wikipedia.org

incarnada que, em prece de aspiração ao divino, se quer salvar dos seus medos e das suas limitações: «Não são pouco os dias da minha existência? Deixa-me! / Afasta-te de mim, para eu retomar alento» (10,20-21). Ensinando a olhar para a vida, aproxima-a do invisível. É palavra de um homem que evolui para palavra de Deus: é carne e espírito, sangue e substantivo, entre o tempo e a eternidade, breve espaço humano que abre espaço infinito a Deus. A sua é oração da verdade sobre Deus e sobre o ser humano. De facto, emite uma carga humana e espiritual que electriza, prende e apaixona qualquer orante, por apático que seja. Cara a cara com Deus, afirma: «Sou inocente» (9,21); «ainda que Ele me mate, n'Ele esperarei» (13,15).

O cristão e os crentes conhecem porventura o sofrimento e a paciência de Job, o do prólogo (Job 1-2). Mas o Job em oração, orante adulto e empolgante, que procura uma nova imagem e um novo rosto de Deus e o encontra rezando, é o melhor Job: é o Job que exprime o homem total, a sua inteligência, a sua fé, as suas emoções, as suas revoltas interiores, falando com Deus 'tu a Tu' e abrindo-lhe com a maior franqueza os sentimentos e as pregas da alma até chegar à blasfémia; é o Job que nos arrebatava e enfeitiçava com a força magnética da sua insatisfação inicial e da sua contemplação final, o Job a cuja oração Deus responde (38,1-42,6). O mais exímio orante do Antigo Testamento transporta-nos aos confins do espírito humano, com esplendorosa beleza poética, em imagens alucinantes que encastoram gritos de dor nos lamentos de perplexidade e de angústia. Figura de todos os crentes, descrentes e orantes inquietos que buscam sentido para a existência, Job encontra-o numa experiência de Deus. Agiganta-se por cima de todos os que, como ele, ensaiam captar Deus sem o capturar, se deleitam a dialogar com Ele e penetram no seu mistério pela oração. Nos próximos ensaios acompanharemos aqui a evolução da oração de Job pensando na forma e nos eventuais conteúdos da nossa própria oração.

20.º Aniversário da morte da Irmã Lúcia

Fátima, 12 e 16 de fevereiro



Dia 13 de fevereiro de 2025 celebram-se os 20 anos da morte da Ir. Lúcia. Para assinalar esta data, a família carmelita de Fátima, formada pelas comunidades de Irmãs, Frades e Seculares, vai marcar o aniversário em dois dias. No dia 12 de fevereiro haverá a oração do terço e vigília de oração na Capelinha das Aparições e Basílica do Rosário. No dia 16 de fevereiro haverá uma conferência com o tema de formação sobre a vida e mensagem da Irmã Lúcia, apresentada pela Ir. Ângela Coelho, seguida da Eucaristia. De tarde far-se-á a visita aos lugares da infância e juventude da Ir. Lúcia e terminará com a oração de Vésperas na Basílica do Rosário.

Diálogos no Tempo

Angra, ciclo aberto a crentes e não crentes



A Diocese de Angra, através do Instituto Católico de Cultura, iniciou um ciclo de conferências, tertúlias ou debates intitulados "Diálogos no Tempo" que visam concretizar a vivência do ano jubilar no diálogo com a realidade de hoje. «Em cada mês e em cada ouvidoria haverá uma conferência que relacionará a esperança com a realidade de hoje. Estamos a concretizar a vivência do ano jubilar nesta perspectiva de que a esperança é real e dirige-se a todos» refere o *site* diocesano *Igreja Açores*. «Estes momentos, abertos a crentes e não crentes, destinam-se a conhecer, aprofundar e discernir sobre as razões da Esperança cristã, a partir dos sinais dos tempos que nos revelam uma humanidade ferida e faminta de amor, que procura um sentido para a vida», pode ainda ler-se na sinopse preparada pelo Grupo Coordenador do Jubileu sobre este evento, que se prolongará mensalmente ao longo deste ano santo.

Ciberteologia e Inteligência Artificial

Porto, Jornadas de Teologia 2025



"Ciberteologia e Inteligência Artificial. Desafios antropológicos, éticos e teológicos", é o tema das Jornadas de Teologia 2025 que a Faculdade de Teologia, em colaboração com a Diocese do Porto e a Irmandade dos Clérigos, está a organizar, entre os dias 3 e 6 de fevereiro de 2025. O evento decorre na Universidade Católica Portuguesa, polo do Porto. A atualidade do tema e a complexidade das questões a tratar pelos oradores será, certamente, uma oportunidade para interpelação e enriquecimento de todos os que puderem participar.

O INTERIOR DO CLAUSTRO

Coleção: *Claustro*



Até o mais pequenino claustro tem quatro lados ou alas. A ter mais uma ou menos uma, será outra coisa, outro aposento, cujo nome agora não lobrigo. Este nosso, sim, este tem as quatro alas. Cada qual com seu nome: Casa Comum; Cultura; Desafios; Espiritualidade. Habitada é, cada uma delas, por Carmelitas Descalços: leigos (a maiorial), monjas e frades. Como bons filhos e filhas de Teresa e João, por aqui falamos e rezamos; rimos, cantamos e choramos entre nós. E calamos. E partilhamos. Somos claustro, não cárcere; nem masmorra, nem túnel, nem passeio – claustro. Somos claustro aberto. O nosso Claustro rima com irmandade e partilha. Como o leitor verá. Veja, pois. Temos também amigos que nos visitam, que rezam, pensam e dialogam connosco e, desde o nosso lado, connosco falam e para fora de nós – são os Perspectivas. Têm todos muito que dizer e dizem. Dizem-nos da sua arte, dos seus espantos, da sua experiência, da sua fé, das suas interrogações, do seu saber.

Publicação: Edições Carmelo

claustro

Das «sombras de um mundo fechado» à esperança do Jubileu.

O artigo escrito por Helena Castro e publicado no *site* «Claustro», aborda os desafios globais atuais, como guerras, desigualdade social e pobreza, e a necessidade de uma resposta profética da humanidade. A autora destaca a importância de desenvolver uma visão crítica e ação coletiva para enfrentar esses problemas, enfatizando a urgência de construir uma fraternidade universal e promover a paz e a justiça.

A gota de orvalho. O artigo de Isabela Neves explora a metáfora da gota de orvalho utilizada por Santa Teresa de Lisieux para ilustrar a vida espiritual. Santa Teresinha compara a simplicidade e a pureza da gota de orvalho à vida contemplativa, destacando a importância da humildade e da entrega a Deus. A autora enfatiza que, mesmo em uma vida aparentemente simples e sem grandes feitos, é possível alcançar uma união profunda com o divino através da dedicação e da fé.

MÍSTICA E MÍSTICOS

SANTO AGOSTINHO



MÓDULO 4

21 a 23 fevereiro 2025

AULAS | WORKSHOP | ORAÇÃO

Informações | Inscrições
www.mistica.carmelitas.pt



ORDEM DOS
CARMELITAS
DESCALÇOS



SANTO AGOSTINHO

21 a 23 fevereiro 2025

As aulas programadas são as seguintes:

Unde malum?

Da filosofia à fé

Prof. José Carlos de Miranda

Ordo Amoris

Ascese, Mística e Felicidade

Prof. José Carlos de Miranda

De Natura et Gratia

Graça e Liberdade na união com Deus

Prof. José Carlos de Miranda

Linhas gerais da espiritualidade de Agostinho

Prof. Alexandre Freire Duarte

A mística de Agostinho: Introdução

Prof. Alexandre Freire Duarte

A mística de Agostinho: As vias místicas

Prof. Alexandre Freire Duarte

A mística de Agostinho:

Crer em Deus; Crer no Homem

Prof. Alexandre Freire Duarte



Jubileu e esperança a partir das Escrituras

Armindo Vaz, OCD



Fotografia: pixabay.com

No ano do **jubileu** 2025, os cristãos são exortados a «reconhecer nos vossos corações como santo o Senhor, o Messias/Cristo, sempre dispostos a fazer apologia [a dar explicação] a todo aquele que vos pedir razão da **esperança** que está em vós» (1Ped 3,15). Tal exortação significa que os cristãos deveriam estar prontos para uma resposta vitoriosa a quem lhes perguntasse acerca da esperança que os habita e anima. E hoje, vivendo sob o signo de crise acentuada como não acontecia desde 1945, a necessidade de testemunharem a esperança torna-se premente para eles. A boa razão e o fundamento da esperança devem ser postos em Jesus, na sua pessoa e na sua acção históricas. É essa a visão da fé apostólica da 1Pedro, escrita em tempo de perseguição dos cristãos para confortar os fiéis a Jesus e para os animar a permanecerem firmes na esperança perante a oposição do mundo: «Porque também o Messias/Cristo morreu uma vez por todas pelos pecados, o inocente pelos culpados, para nos conduzir a Deus, condenado à morte no seu corpo, mas restituído à vida pelo Espírito» (3,18).

O tempo de hoje não é mais tranquilo do que o da Igreja apostólica. Definido por alguns pensadores como crepuscular (da civilização ocidental, do cristianismo...), caracteriza-se pelo sentido de precariedade do presente e da incerteza do futuro. É um tempo em que o desconhecido que enfrentamos, devido às imprevisíveis reacções dos chefes das nações, que estão longe de ser estadistas sensatos e responsáveis, dá medo, pelo horizonte de asfixia que impede ver com clareza o caminho em frente. Perante tal (falta de) perspectiva, a esperança cristã põe então – e põe hoje – Jesus e a sua palavra na vida: «Não tenhais medo deles, nem vos perturbeis. Mas proclamai santo/transcendente e Ungido [de Deus] o Senhor nos vossos corações...». Fazei isso, «porém, com boas maneiras e com respeito e com a consciência limpa, para que naquilo mesmo com que vos caluniam fiquem envergonhados os que atentam contra o vosso bom comportamento em Cristo» (3,14-16). O próprio Jesus já tinha incutido esperança aos discípulos para os tempos maus, afugentando o fantasma do medo: «Não tenhais medo dos que matam o corpo mas não podem matar a alma» (Mt 10,28). E 365 vezes sai na Bíblia a afirmação «não tenhais medo». É a esperança a partir das Escrituras.

Viver em esperança com os Santos do Carmelo

22 fevereiro 2025 | 16h30

2.º encontro

Vida de Edith Stein – A descoberta de uma vida espiritual

Fr. Daniel, OCD

22 março 2025 | 16h30

3.º encontro

A alegria de viver em esperança

Fr. Daniel, OCD

26 abril 2025 | 16h30

4.º encontro

Família um sinal de esperança

Fr. José Arun, OCD

24 maio 2025 | 16h30

5.º encontro

Viver em esperança na companhia da Virgem do Carmo

Fr. David, OCD



**Igreja do
CARMO**

**Carmelitas Descalços
Funchal**



Padres Carmelitas Descalços

Igreja do Carmo

Rua do Carmo, 1

9050-019 FUNCHAL

+351 291 223 935 (Chamada para rede fixa nacional)

funchal@carmelitas.pt



Todos pertencemos a todos!

Frei João Costa, OCD



dianaparkhouse – Fonte: pixabay

1. Por especial solicitude do Papa Francisco, este é o Domingo da Palavra de Deus. De facto, é aos domingos que, maiormente, abrimos o coração à Palavra de Deus que se faz ouvir nas nossas assembleias; e por isso, não depreciando outros modos e maneiras, é ao domingo, em assembleia reunida, que Ela mais nos atinge. Em cada eucaristia dominical escutamos (e até cantamos!) quatro porções da Palavra: a Primeira Leitura (habitualmente retirada do Novo Testamento) e o Salmo Responsorial pelo qual a Assembleia responde e medita sobre a mensagem daquela leitura; a Segunda Leitura (retirada do Novo Testamento, excluindo os Evangelhos), e um excerto dos Evangelhos. De notar ainda, que frequentemente a Primeira Leitura antecipa o tema que se proclamará no Evangelho; ao passo que a Segunda Leitura é de mensagem mais autónoma.

2. Por não me centrar, como habitualmente, no Evangelho deste III Domingo do Tempo Comum, Ciclo C, permita-se-me uma parábola, ao jeito das que Jesus costumava contar às suas gentes:

3. Iam por certo caminho dois homens. Um era coxo; bastante, coxo, aliás. E o outro, cego. Totalmente cego, diga-se. Apesar das penas e fragilidades de ambos, lá caminhavam juntos, mais trôpegos e diligentes que direitos e assertivos. Tanto tempo caminharam juntos, que se fizeram amigos. Não é que tudo lhes corresse bem – pudera! –, mas que apesar de tudo, apesar de alguns desentendi-

mentos e casmurrices lá se iam entendendo. E não era por isso que se separavam.

(Sei que até aqui todos me entendem, e que até podem concluir quem possam ser esses dois... Adiante, portanto!)

Ora, sucedeu, que depois de muito caminharem juntos, por muitos caminhos e muitos lugares, depois de terem passado por muitos sacrifícios e dificuldades, alegrias também, frios e fomes, calores e perigos, sucedeu, pois que, em certo dia, se achegaram a um tramo de caminho especialmente desafiador e difícil. Era a subir. Tanto a subir que o coxo – o que via o caminho, entenda-se! – logo sentenciou que seria impossível ultrapassá-lo! Disse o coxo:

– É tão pedregoso este caminho, que eu não vejo sítio em que ponha os pés! Se ponho o pé aqui, caio para ali! Se os ponho além, entorno para acolá! Portanto, amigo, é aqui que tudo se acaba! Eu não prosseguirei, que aqui nem as muletas me servem para amparo algum!

– Como não prosseguirás, indignou-se o cego?!

– Além disso, continuou o coxo: este é um caminho estreito e com um precipício de cada lado! Se eu me desequilibrar, caio por aí abaixo e... adeus, coxo! Nunca mais nos veremos. Nem talvez no céu!...

– Quem falou em cair pelo precipício? Quem falou em parar, em desistir? Quem falou tal à minha beira? Cruzes, credo! Quem falou em desistir, foste tu, coxo?

– Fui eu, sim, fui eu, repetiu o coxo! Eu sei o que é o medo! Eu tenho muito respeitinho pelo caminho, e pelos perigos e, além disso, gosto muito da vida! Por isso, eu não subirei! Vai tu se quiseres!

Pronto, lhe voltou o cego:

– Amigo, desistir é coisa para os fracos! Ter coragem, seguir em frente, vencer os perigos e chegar à meta, é para os fortes! Eu seguirei!

Rindo-se-lhe na cara, logo lhe contestou o coxo de forma desdenhosa:

– E falou o cego que é cego! Sobe, pois, por aí, ó cego, tu que não vês nem um boi à tua frente! Dá tu o tal passo em frente, e talvez sejas o primeiro a cair e a perder-te! Ainda não te deste conta disso? Pois é!... O nosso caminho acaba aqui: eu sou coxo, não consigo equilibrar-me; tu és cego, não consegues desviar-te dos perigos! E agora, amigo meu, *capice*?!

Mas o cego que o era, e sabia-o, mas não era burro, logo sem demora lhe respondeu:

– Caro, coxo! Às vezes, fecham-se-nos as portas diante de nossos passos, e ao fecharem-se, abrem-se janelas; isto é, abrem-se-nos novas oportunidades, mas de outra maneira. Concordo que ambos estamos em situação complicada! Sozinhos, nem tu, nem eu, subiremos este caminho das pedras, pelo que temos de voltar para trás – o que não é solução – ou cairmos no abismo, o que também nenhum de nós quer.

– Estou a ver que, além de cego, és inteligente, ironizou o coxo, que não estava a ver nenhuma janela abrindo-se-lhe diante do olhar!...

– É mesmo isso, meu caro, respondeu o cego! É mais ou menos isso, sim. Eu sou cego, mas vejo uma solução! Tu não és, mas não vez alguma! Reparaste no paradoxo? Não te apetece a ti rir, como a mim?

– Eu tenho raiva e só me apetece chorar! Mas, fala lá, ó Einstein, disse-lhe o coxo, já mais que aborrecido e cansado com aquela conversa toda!

– Pois falarei, ó cabeça dura, respondeu-lhe o cego! E tu, ouve-me com ouvidos de gente, não de cabra tonta; com as devidas licenças às cabras e seus dignos maridos! Tu, ouve-me, ó franganote: Olha para mim e que vês? Sou um touro, mas sou cego! Logo sou fraco e, sozinho, paro aqui. Mas tu, franganote, tu vês, és o único que aqui vê, mas como és coxo, não irás longe! O que te proponho é o seguinte: valorizemos aquilo que nos acrescenta, não aquilo que nos diminui a ambos!

Logo lhe desabafou o coxo:

– Agora, sim, agora é que eu me arrependo de te ter conhecido, ó taramela de filósofo! Não percebi nada do que estás praí a falar!

– Anda cá, meu burro, disse, carinhoso, o cego ao coxo! Anda e sobe aqui para as minhas costas, que eu confio nas minhas pernas e nas minhas forças! E também confio na tua visão para me orientares. Ora se tu me guiares bem, com calma e serenidade, juntos, sairemos, deste enorme desafio e, juntos, nos salvaremos! Confia em mim e eu confio em ti! Aceitas que, juntos, nos poderemos sair bem?

4. A verdade, amigos, é que, agora mesmo, eu não sei quem aqui seja o cego e quem aqui seja o coxo: se quem escreve ou se quem lê o texto; ou se, segundo os dias e as circunstâncias, intercambiamos entre nós os papéis. O que sei é que na vida – mais ainda na vida da Igreja – precisamos uns dos outros: os fracos precisamos dos fortes, os capazes dos cegos; os calados dos animadores, os sonhadores dos aventureiros. Os pecadores dos santos.

Precisamos uns dos outros, pois ninguém chega lá sozinho – essa é a verdade. Ninguém jamais se basta a si mesmo! Jamais! A perna precisa do pé, a boca da mão, o ouvido do nariz. Não nos bastam os solos, precisamos também da harmonia coral. Precisamos, enfim, de amigos que também precisam de nós, porque nenhum de nós é completo, ninguém se basta, que até o forte alguma vez merma e se volve fraco.

Estamos todos a caminho com o Evangelho no coração; mas caminhando, rezamos juntos e fazemos pausas nos hospitais e nos albergues, lemos testemunhos e documentos, avaliamos forças e estrelas, ponderamos novas etapas, novos rasgos, novas soluções, novas sementeiras e respostas. – E se acaso, além de pararmos, voltamos atrás para amanhã mais nos abalançarmos para a frente! – Hoje como ontem, precisam os velhos da audácia dos novos, e os novos da sabedoria e tempero dos velhos, tal como os campos precisam das sementes e das chuvas, e as sementes do sol e que o trabalhador as esparza e depois recolha.

Estamos todos a caminho e ninguém ficará sem alcançar a meta. Se um lá não chegar, será derrota de todos, inclusive de Jesus! E eu tenho por certo que, vindo como veio, não veio para que perder algum!

Precisar, precisamos uns dos outros, que precisar é verbo que anima e salva.

Ninguém é só. Ninguém cresce só. Ninguém se salva sozinho! Somos comunhão, mesmo se o não sabemos. Por inteira virtude que a nós não cabe, somos um. Um corpo. Ninguém se salva só – por isso, chegará o dia em que quando um rir, rirão todos; e se algum chorar, choraremos todos. É que não se salvam partes, salva-se o corpo todo, porque ninguém, nenhum parcial, tem todos os dons, todas as graças, todas as virtudes, todas as forças, todas as luzes, todo o humor, todo o amor. Sim, para se caminhar e se chegar ao fim sempre precisamos de alguém. De todos. Porque a mão pertence ao pé, e a orelha à cara, enfim, todos nos pertencemos e, ao fim, todos chegaremos juntos!

Ah, que inesperado espanto um dia passaremos ao descobrir o tanto que devemos a tantos que nunca, ou não apreciamos, ou não vimos nem conhecemos!

5. Disto me alembrei quando, celebrando o Domingo da Palavra de 2025, dei de chofre com a leitura de 1Coríntios 12:12-30. Valeria a pena ir verificá-la.

Ninguém é só. Ninguém cresce só. Ninguém se salva sozinho!
Somos comunhão, mesmo se o não sabemos.

”